



IMPLICAÇÕES E CONTRIBUIÇÕES DA ESCRITA DE SINAIS NA PRODUÇÃO TEXTUAL DE ALUNOS SURDOS

Fernanda Bonfim de Oliveira; Carolina de Fátima Guimarães; Marilene Aparecida Santana da Silva

fernanda.oliveira@ifgoiano.edu.br; carolina.guimarães@ifgoiano.edu.br; marilene.santana@ifgoiano.edu.br

Instituto Federal Goiano – Câmpus Urutaí

INTRODUÇÃO

A educação dos surdos, há tempos, percorreu diferentes correntes metodológicas. Correntes essas que foram evoluindo na tentativa de atender o real objetivo educacional dos surdos. Entretanto, há um fator de insucesso que persiste desde os relatos das primeiras tentativas de educação dos surdos: a defasagem na língua escrita.

Podem-se citar alguns fatores que colaboram com tal problemática, como a própria surdez, que é um fator natural; a ausência de língua, para mediação de conhecimentos, de muitas crianças surdas ao serem inseridas no contexto escolar; as diferenças de modalidades linguísticas, as quais a criança é exposta, por se comunicar, na maioria das vezes, em uma língua visuo-espacial; e uma escrita que se remete as línguas orais. Conforme afirma Peixoto (2006):

Constatar esse atravessamento da língua de sinais na escrita da língua portuguesa nos permite ressignificar todas as adjetivações pejorativas que tradicionalmente são feitas à escrita dessas pessoas, especialmente, porque é possível observar que a mistura de parâmetros da primeira e da segunda língua não é um fenômeno que acontece exclusivamente com escritores surdos. (p. 209).

Algumas crianças surdas podem até conseguir escrever as palavras, contudo não conseguem atribuir significado a maioria delas, restringindo as funcionalidades da escrita e limitando o desenvolvimento cognitivo.

Defendia-se que o registro mais condizente com a condição do surdo seria o registro filmado. Contudo, vê-se a necessidade de uma forma de registro mais acessível para anotações rápidas ou mesmo agendar atividades. Adotar uma escrita como forma de registro pressupõe o fácil acesso e essa escrita de sinais possibilita aos surdos se expressarem a partir da língua a qual utilizam.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Existem algumas propostas de escritas para as línguas de sinais. O mais difundido no Brasil é o *Sing Writing*, criado por Valerie Sutton, em 1974. A maior difusora desse sistema de escrita no Brasil é Marianne Rossi Stumpf, professora da Universidade Federal de Santa Catarina, com vários projetos envolvendo esse sistema de escrita. Em sua tese de doutorado, em 2005, realizou uma pesquisa testando esse sistema em crianças defendendo a viabilidade da escrita das línguas de sinais no desenvolvimento sócio-cognitivo dos surdos.

Esta pesquisa visa avaliar o desenvolvimento de crianças surdas quando expostas a um sistema específico de escrita de sinais: a ELiS – Escrita das Línguas de Sinais – criado por Mariângela Estelita Barros (2008), professora da Universidade Federal de Goiás. Propõe-se, assim, uma reflexão sobre a atual escrita utilizada pelos surdos e a possibilidade de expressão em uma escrita própria de sua língua natural. O foco da pesquisa proposta é verificar a contribuição do ensino de ELiS para o desenvolvimento cognitivo de crianças surdas, visto que se trata de um sistema de escrita capaz de expressar, com eficiência, a língua a qual ela utiliza.

Entender que o surdo é integrante de uma sociedade, na qual a língua oral é majoritária, demonstra que ele tenha que saber a escrita dessa língua. Contudo, não se pode ignorar que ele também faça parte de um contexto visual com pessoas que se comunicam com língua de sinais. É necessário compreender que o contato com ambas as situações o expõe a uma condição bilíngue. Reconhecer essa condição bilíngue é também reconhecer as limitações existentes a aquisição da escrita oral pelo surdo e possibilitar a ele uma condição de expressar com uma linguagem escrita que supere as especificidades de sua língua visuo-espacial.

Pertencentes a uma minoria linguística os surdos passam, por diversas vezes, por situações acadêmicas que os privam do direito que, por lei, lhes é assegurado: ser alfabetizado em sua língua sumariamente e na língua portuguesa como segunda língua. A lei também garante que eles se expressem pela língua de sinais.

Pensar na escrita como parte do desenvolvimento acadêmico dos discentes significa reconhecer a importância que ela possui em todas as esferas na vida do mesmo. É motivada por essa relevância que esse trabalho se embasa. O ensino de um sistema de escrita de sinais possibilitaria ao surdo se expressar na modalidade escrita que condiz com sua língua natural. Supondo-se, assim, que seu desenvolvimento cognitivo não estaria limitado, visto que essa escrita contempla todas as funcionalidades pertinentes a sua língua falada.

A cultura da escrita faz parte da civilização desde tempos primórdios. E, através destas, que se registram fatos e documentam histórias. A prática da escrita já está presente na comunidade

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

surda. O desenvolvimento da comunidade surda, tanto cultural quanto intelectual, propicia a conquista de uma escrita de sinais própria, possibilitando se expressar com uma escrita que enquadra em suas expressões comunicativas (BARROS, 2008).

Considera-se uma escrita eficaz a que capacita aos leitores transformarem seus símbolos gráficos do processo comunicacional sem prejuízos à mesma. Mesmo que a criança surda consiga reconhecer palavras escritas em português ela não conseguirá atribuir-lhe um significado. As informações lexicais das palavras não são passadas as crianças surdas por falta de *input* auditivo devido ao fator natural da surdez.

Pensar a surdez requer penetrar 'no mundo dos surdos' e 'ouvir' as mãos que, com alguns movimentos nos dizem o que fazer para tornar possível o contato entre os mundos envolvidos, requer reconhecer a 'língua de sinais'. Permita-se ouvir essas mãos, pois somente assim será possível mostrar aos surdos que eles podem 'ouvir' o silêncio da palavra escrita. (QUADROS, 1997, p. 119 *apud* STUMPF, 2005, p. 43).

Foi pensando nessas vivências e em algumas dificuldades com as quais os surdos se deparam quanto à escrita que se pensou na possibilidade de permitir que, além do português escrito, o aluno surdo também pudesse utilizar a escrita de sua língua materna para se expressar. Essa possibilidade permite, ainda, verificar as contribuições que essa escrita pode oferecer no desenvolvimento do português escrito.

Assim, esse trabalho se faz relevante para somar ao processo de alfabetização e de letramento dos surdos possibilidades que favorecem o desenvolvimento linguístico dos mesmos. A fim de refletir sobre a atual escrita utilizada pelos surdos e a possibilidade de expressão em uma escrita própria de sua língua natural, por meio da EliS, visa-se, com este trabalho, avaliar o desenvolvimento na escrita dos sujeitos surdos quando expostos a esse sistema de escrita de sinais.

METODOLOGIA

Essa pesquisa se configura em uma abordagem qualitativa implicando relevância de todos os fatos e fenômenos da mesma. Trata-se de uma abordagem caracterizada como pesquisa colaborativa.

Na perspectiva da Pesquisa Colaborativa, os partícipes trabalham conjuntamente e se apoiam mutuamente, visando atingir objetivos comuns negociados pelo coletivo do grupo [...]. Assim, a pesquisa deixa de investigar sobre o professor, passando a investigar com o professor, contribuindo para que este se reconheça como produtor ativo do conhecimento, da teoria e da prática de ensinar, transformando o próprio contexto de trabalho (IPIAPINA, 2008 *apud* IPIAPINA, p. 09).

Assim, esse tipo de pesquisa possibilita a produção de conhecimento a um grupo coletivo que compartilham objetivos comuns. Contribuindo para uma reflexão no atuar do professor e,

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

principalmente, como foco dessa pesquisa, a contribuição do avanço dos conhecimentos produzidos aos que estão inseridos nesse processo.

Os dados dessa pesquisa são coletados a partir de um curso de ELiS para os sujeitos envolvidos na mesma. Foram selecionados quatro sujeitos surdos de faixa etária entre 12 e 21 anos para participarem do mini-curso. Esse curso possui carga horária de 40 horas, divididos em 10 encontros de quatro horas cada.. As aulas, ministradas em um ambiente escolar, visam reunir sujeitos em um mesmo local que seja comum a todos a fim de oferecer melhores condições para a aprendizagem. Os dados também são obtidos pelas anotações de observações realizadas no decorrer do curso para documentar reações e percepções dos sujeitos à escrita.

Por se tratar de um mini-curso alguns materiais, roteiros, atividades e dinâmicas são elaborados para as aulas de ELiS. Fez-se uma entrevista ao início da pesquisa e outra será realizada ao final para que se possa observar as reações e desenvolvimentos dos alunos. Na primeira entrevista, foram questionados sobre a opinião de cada um diante da possibilidade de escrever em sinais, utilizando a ELiS. Posteriormente, opinarão sobre as facilidades e dificuldades de se utilizarem a esse sistema de escrita.

RESULTADOS ESPERADOS

Diante do atual processo de alfabetização no qual os surdos são inseridos, visa-se obter com este trabalho parâmetros que possibilite averiguar a eficácia da ELiS tanto para o desenvolvimento expressivo dos sujeitos surdos como também na escrita da língua portuguesa. Espera-se que os sujeitos sintam-se motivados a realizarem suas produções sem a presença de um intérprete mediador, obtendo, assim, autonomia acadêmica e pessoal.

A partir das reflexões obtidas pela possibilidade de se expressarem na modalidade escrita de sua própria língua em uma escrita própria busca-se nesses sujeitos, maior motivação e desempenho acadêmicos possibilitando a formação de sujeitos atuantes na sociedades, com formação crítica e igualdade de possibilidades na construção de sua cidadania.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, Mariângela Estelita. *ELiS – Escrita das Línguas de Sinais: proposta teórica e verificação prática*. 2008. Tese (Doutorado) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

IBIAPINA, Ivana M. L. de Melo. NUNES, Mirian A. Alencar. *Uma pesquisa colaborativa de práticas pedagógicas direcionadas a adolescentes privados de liberdade*. Disponível em:

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/VI.encontro.2010/GT_02_14_2010.pdf.

Acesso em 14 de out de 2014.

PEIXOTO, Renata Castelo. *Algumas considerações sobre a interface entre A língua brasileira de sinais (libras) e a língua portuguesa na construção inicial da escrita pela criança surda*. 2006. In: Cad. Cedes, Campinas. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>

STUMPF, Marianne Rossi. *Aprendizagem de escrita de língua de sinais pelo sistema Sing Writing: línguas de sinais no papel e no computador*. 2005. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade do Rio Grande do sul, Porto Alegre.

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br